



Mazagão Velho, Santuário de Santiago na Amazônia (Macapá-Brasil)

Mazagão Velho, Santiago's Sanctuary in Amazonia (Macapá-Brasil)

Luis Jorge Gonçalves

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes,
Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes da
Universidade de Lisboa. Portugal
email: luisjrg@gmail.com

Cláudia Matos Pereira

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes,
Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes da
Universidade de Lisboa. Brasil
email: claudiamatosp@hotmail.com

Resumo - Na Amazônia, no Estado do Macapá, Brasil, há um Santuário à Santiago que evoca as origens desta povoação, cujas raízes remontam ao Norte de África, de onde a população foi deslocada no período do governo do Marquês de Pombal. O culto a Santiago lembra esse passado guerreiro norte-africano.

Palavras chave: Santiago / Mazagão / Norte de África / Amazônia.

Summary - In the Amazon, in the state of Macapá, Brazil, there is a Sanctuary dedicated to Santiago that evokes the origins of this village whose roots reach back to North Africa, where the population was displaced during the period of the Marquês de Pombal's government. The cult dedicated to Santiago remembers this past North African warrior.

Keywords: Santiago / Mazagão / North Africa / Amazonia.

INTRODUÇÃO

O tema da transferência da população cristã de Mazagão, no Norte de África, para a Amazônia, na região do atual estado de Amapá, Brasil (Fig.1), já foi tratado por diversos autores, sendo um estudo muito detalhado, o de Silva e Tavim, de 2004. Com efeito tratou-se de um ato do governo pombalino de perfeita racionalidade iluminista, que constituiu uma singularidade e que deixou marcas até aos nossos dias. Uma cidade fundada com a população deslocada do Norte de África e onde se formou um Santuário a Santiago na Amazônia, com evocação às guerras entre mouros e cristãos.

1. MAZAGÃO EM MARROCOS

Foi em 1486 que os portugueses passaram a controlar a cidade de Mazagão, como ponto importante no estabelecimento de uma rede de cidades, ao longo da costa marroquina, de apoio à navegação para Sul. A sua importância foi aumentando e em 1514 o rei Manuel I mandou erguer uma poderosa fortaleza, tendo enviado os mais prestigiados arquitetos portugueses, os irmãos Diogo e Francisco Arruda (Amaral 1989).

Foi erguida uma fortaleza, segundo os princípios mas mais avançados da arquitetura militar, com uma imensa cisterna, que possibilitava à cidade resistir a grandes cercos. Em 1541 o rei D. João III tornou Mazagão na principal fortaleza da costa de Marrocos, na sequência da perda e evacuação de outras cidades na costa marroquina (Amaral 1989).

Os cercos de forças muçulmanas continuaram ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, até que em 1769, durante o reinado de D. José I, e governo do Marquês de Pombal, foi assinado um Tratado de Paz com o sultão Mohammed III ben Abdallah, de Marrocos que colocava um ponto final na ocupação portuguesa de Mazagão. No âmbito do tratado os portugueses abandonaram a cidade a 10 de Março de 1769, deixando a cidade minada, para dificultar a entrada das forças marroquinas o que levou à destruição de uma parte da mesma e que permanecesse desabitada e em ruínas até 1824.



Fig. 1 - Localização de Mazagão Velho, Amapá, Brasil (Fonte: Google Maps).

Quanto à população cristã, foi decidido que seria transferida para a Amazônia, no Brasil, onde se fundou Vila Nova de Mazagão. Esta transferência e a nova povoação enquadravam-se na política pombalina de colonização da Amazônia. A transferência foi uma empresa conjunta da Coroa e da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, dada a necessidade de populações de modo a garantir o domínio português numa área que era disputada com a França (Silva, Tavim 2004). Ironicamente, foi sob o domínio francês que a Mazagão, de Marrocos, foi restaurada, segundo a traça portuguesa, na primeira metade do século XX.

2. VILA NOVA MAZAGÃO NA AMAZÔNIA

A população deixou a cidade Mazagão, em direção a Lisboa um total de 2092 pessoas, das quais 425 estavam agregadas em famílias e 229 eram indivíduos isolados. De Lisboa para Belém do Pará viajaram 1855 pessoas, agregadas em 371 famílias, a 15 de Setembro de 1769. Finalmente de Belém do Pará para Vila Nova de Mazagão, o transporte foi em diferentes fases, havendo muita resistência na deslocação para a nova povoação. Correspondiam a diferentes estratos sociais, desde nobres, de pequena linhagem, a povo e a escravos, embora da nobreza muitos ficassem em Lisboa (Silva, Tavim 2004).

Vila Nova de Mazagão foi fundada oficialmente em 23 de janeiro de 1770, numa região da Amazônia a cerca de 70 km, da fortaleza de S. José de Macapá, servindo de retaguarda logística a esta construção militar, na margem norte do Rio Amazonas, que se iniciou em 1764 e concluiu em 1773.

A Vila Nova Mazagão ficou situada nas margens do Rio Mutuacá, um afluente do Rio Amazonas. Para o seu traçado urbano foi escolhido o arquiteto italiano Domingo Sambucetti. A instalação dos colonos e escravos deu-se cerca de 1773, mas em 1777 restavam 842 indivíduos na vila. Os primeiros tempos não foram fáceis, dadas as doenças constantes de ambiente tropical, como a malária, entre outras. Em 1783 houve mesmo uma epidemia que matou grande parte da população.

Não foi coincidência a instalação da população e a conclusão da fortaleza de S. José de Macapá, em 1773, porque Nova Mazagão servia de retaguarda militar aos militares que defendiam a Amazônia (Aratújo 2003).

O fim do governo do Marquês de Pombal permitiu a saída de uma boa parte da população para outras paragens do Brasil. Vila Nova de Mazagão entrou num lento declínio ao longo do século XIX. Em 1833, perdeu mesmo o estatuto de vila. Em 1841 foi restaurada como sede de comarca com a designação de Mazagão Velho, que se manteve até 1915, sendo integrada na comarca de Nova do Anauerapucú, depois cidade de “Mazaganópolis” e finalmente de Mazagão Novo.

3. CULTO A SANTIAGO DO NORTE DE ÁFRICA PARA A AMAZÔNIA

Santiago foi o Apóstolo e Santo que, segunda uma lenda, cristianizou a Península Ibérica. Regressou à Terra Santa, onde foi martirizado e, em seguida, os seus discípulos trouxeram o seu corpo para as terras que tinha evangelizado.

Numa data não determinada, entre 812 a 842, descobriu-se o seu o suposto túmulo e em 844, durante a Batalha de Clavijo. Santiago apareceu de forma milagrosa a combater ao lado dos cristãos contra os mouros, sendo então apelidado de “Santiago Mata-Mouros”. A lenda da descoberta do túmulo, associada ao milagre de combater contra os mouros, difundiu-se pela Europa Medieval, iniciando um ciclo de peregrinações que fez do local onde o túmulo tinha sido descoberto, em Santiago de Compostela”, um dos principais centros de peregrinação da Europa, durante a Idade Média.

Santiago foi o santo protetor do exército português até 1383, passando depois a ser S. Jorge, por influência inglesa, mas nunca deixou de ser invocado e durante a expansão portuguesa, a partir do século XV. Santiago continuou a ser um santo a que apelavam os portugueses, particularmente nas cidades do Norte de África, onde o confronto entre Cristãos e Mouros continuava quotidianamente presente.

A última notícia de uma batalha em Mazagão data de 1766, ainda bem presente na memória daqueles que foram instalados na Amazônia. A mentalidade iluminista viu esses conflitos como uma irracionalidade de elevados custos para a coroa. No entanto para os habitantes de Mazagão era um desígnio, como se pode ler no texto anónimo da “Notícia do Grande Assalto e Batalha, que os Mouros derão à Praça de Mazagam”, de 1756: “Esta he ó Africanos valorosos a occasião mais prompta, a vingar-mos nossas afrontas, e a sobrefazer-mo-nos de nossas injurias; estes são aquelles nosso inimigos, que nunca nos deixão viver descansados, elles nos tomarão as terras em que habitão na Europa, elles nos vierão incommodar a Africa (...)” (Silva, Tavim 2004).

Como referem Maria Cardeira Silva e José Alberto Tavim: “este tipo de ideal cultural, que transparece em tempos pouco anteriores ao do abandono da Mazagão marroquina, foi transportado pelos imigrados no Pará e enformou as manifestações culturais que aí continuaram a manter e a vivificar na sua pretensão de se manterem identitariamente como “moradores da extinta Mazagão” (Silva, Tavim 2004).

Ainda segundo os mesmos autores, “uma das fontes mais interessantes é a Relação do Grande Combate, e fatal peleja, que agora proximamente tiverão os Soldados, e Cavalleiros da Praça de Mazagão, com os Mouros de Azamor e Mequinez, de 1752. Segundo o seu autor - o assistente Simão Correia de Mesquita - no contexto da batalha, diziam os comandantes da tropa a cavalo, para incitarem os militares cristãos: “Viva a Fé de Christo. Santiago, cavaleiros fortes...”. Portanto, a alusão a São Tiago como santo cavaleiro que auxilia os cristãos está presente na Mazagão marroquina, como vai estar na do Pará. Mas a verdadeira preciosidade desta fonte é a descrição da festa da vitória, realizada dentro da praça” (Silva, Tavim 2004).

4. A ORIGEM DA FESTA EM VILA NOVA DE MAZAGÃO

Da povoação original de Vila Nova de Mazagão pouco resta. Na povoação construída originalmente tinha um particular relevo a Igreja Matriz, que se situava na Rua Augusta, com o orago a Nossa Senhora da Assunção, o mesmo da cidade marroquina, tendo sido concluída em 1773.



Fig. 2 - Pintura numa parede num restaurante de Mazagão Velho (Fonte: autor).



Fig. 3 - Cartaz de 2015 (Fonte: autor).

onde se descobriram as fundações da igreja que tinha uma nave de cerca de 40 metros (Silva, Tavim 2004).

A atual povoação tem casas em madeira que aos poucos se vão substituindo por casas de tijolo, com o antigo recorte urbana ortogonal com algumas transformações. Da Vila Nova de Mazagão somente a memória, presente na cultura imaterial. A igreja atual data de 1935,

Ficava na Praça do Pelourinho. Para esta igreja vieram preciosidades da igreja de Mazagão, a simbolizar a continuação entre as duas igrejas (Silva 2001; 2004).

Em 1777 há a primeira “Notícia da Festa” realizada em Vila Nova de Mazagão. O programa iniciou-se a 16 de Novembro e prolongou-se por vários dias, sendo uma festa que para além do cunho religioso, tinha ainda um pendor barroco, com muito gosto clássico, e entre as dramatizações existiu a representação de uma batalha naval, entre um corsário cristão e um grande *chavalo* de mouros. Como referem Maria Cardeira Silva e José Alberto Tavim “o combate entre cristãos e mouros é naval, e não cavaleiresco, remetendo num contexto popular, se fosse possível, mais para as “Cheganças de Mouros”, do que para as encenações de “Cristãos e Mouros”, que estão relacionadas com o combate em terra” (Silva, Tavim 2004).

5. SANTUÁRIO A SANTIAGO DE MAZAGÃO VELHO

Nos nossos dias a situação em Mazagão Velho é muito diferente. Como se referiu, no lado administrativo, a atual Mazagão Velho deixou de ser Vila Nova de Mazagão e passou a integrar-se no município de Mazagão Novo. Os seus fundadores e descendentes de origem europeia foram morrendo ou abandonando a vila, quando puderam, devido à malária e ao isolamento, sendo hoje uma comunidade quilombola, ou seja, de população de origem africana.

Também o urbanismo hipodâmico, onde pontuavam nomes de ruas que evocavam a cultura clássica, como Rua Augusta, foi sendo alterado. A velha Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, e situada no largo principal desapareceu e constitui hoje um vestígio arqueológico de cota negativa, escavada em 2006 por uma equipa de arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco,

tendo como orago Santiago. No seu interior encontram-se as imagens de Santiago e de S. Jorge. Ambos são ou foram protetores do exército português, como já foi referido. O primeiro para ajudar contra os mouros e o segundo como protetor do exército. Em toda a Mazagão Velho há evocações a Santiago, nos cafés (Fig.2), nos mercados, no restaurante. Santiago está sobretudo presente no subconsciente coletivo que transporta as origens de Mazagão Novo para uma praça fortificada do Norte de África e que os primeiros habitantes trouxeram.

Mazagão Velho é um Santuário a Santiago, em plena Amazônia. As festividades em honra deste santo são o grande acontecimento de Mazagão Velho que trazem milhares de peregrinos à povoação. Segundo a tradição local, em 2016 a festa comemora os 239 anos, o que conduz a primeira festividade a 1777, data documentada com a festa a Nossa Senhora da Assunção, como já se referiu. Em relação a essa festa há ainda a diferença do período do ano em que se realiza. A de 1777 realizou-se de 16 de Novembro a 23 de Novembro. A atual realiza-se no dia de Santiago a 25 de Julho, iniciando-se alguns dias antes e prolongando-se alguns dias depois.

Em 2015, o programa estendeu-se entre 13 e 28 de Julho (Fig. 3). Entre 13 e 15 de Julho, a imagem de Santiago e de S. Jorge foi trasladada para Mazagão Novo, percorrendo a vila e sendo acolhidas em algumas residências, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima e na residência do Prefeito, como ato legitimador de continuidade desta nova povoação. No dia 15 de Julho retornou à Mazagão Velho. Pela manhã de 16 de Julho iniciou-se um programa onde há componentes religiosas diárias, caso das novenas, e profanas, com os arraiais. Os dias 24 e 25 de Julho são os mais importantes, com a representação da batalha entre Mouros e Cristão. A festa continuou nos restantes dias até 28 de Julho, com os atos religiosos e profanos.

No que se refere à representação dos dias 24 e 25 de Julho, a narrativa inicia-se com a reunião dos soldados cristãos, marcada por uma dança onde se canta “Vamos neles” (Fig. 4), um incentivo para dar o melhor na batalha contra os mouros. Santiago é o comandante Cristão e é um humano, sendo uma honra interpretar este papel. Por oposição o rei dos mouros é um boneco, feio e disforme, e tem o nome de Caldeira. O rei mouro tem um filho, Caldeirinha, que é interpretado por uma criança, com cerca de 4 anos, sendo também uma honra para a família representar este papel.

O rei Caldeira, vendo que não podia vencer a batalha, envia soldados mouros a entregar aos cristãos iguarias, em troca de paz. No entanto, a comida oferecida pelos mouros estava envenenada. Desconfiados, os cristãos deram parte da comida aos animais que, ao amanhecer, estavam mortos. Pensando que haviam vencido os mouros, organizaram um baile de máscaras, indo alguns cristãos, afirmando que se tinham convertido ao islamismo. Era uma desculpa para entrar no baile e oferecer a comida envenenada, que tinha sobrado, aos mouros. O plano resultou e o rei Caldeira foi morto. No dia 25, há uma missa pela manhã e, de seguida, a população reúne-se ao meio-dia para ver a passagem do Bobo Velho, espião dos mouros que tenta infiltrar-se nos exércitos cristãos. A população representa o exército cristão e atira laranjas ao Bobo Velho, que galopa a cavalo. De seguida é o roubo das crianças cristãs, para conseguir dinheiro para comprar armas, por ordem do rei Caldeirinha.



Fig. 4 - Cavaleiros cristãos diante da Igreja de Santiago em Mazagão Velho. (Foto de Márcia do Carmo. Fonte: <<http://www.alcilenecavalcante.com.br/alcilene/clima-de-euforia-toma-conta-de-mazagao-velho-na-festa-de-sao-tiago>>).



Mais tarde o guerreiro Atalaia é assassinado pelos mouros. Depois os mouros sugerem a troca do corpo do guerreiro pela bandeira, na posse dos cristãos. Os cristãos recebem a cabeça do guerreiro Atalaia, mas não dão a bandeira iniciando a guerra final. Com a batalha muito intensa os cristãos rezaram por ajuda e Deus, que atendeu às preces, enviando Santiago, para conduzir os cristãos à vitória (Silva, Tavim 2004).

CONCLUSÃO

A batalha entre Mouros e Cristãos é a luta entre o bem, representado por Santiago, e o mal, o rei Caldeira, o caos, que é traição, e a ordem, que é a descoberta da traição, entre a escravidão, o rapto das crianças, liberdade, a libertação destas pelos cristãos.

O Santiago de Mazagão Velho é ainda um Santuário à memória, moldado num mito, como modelo exemplar, onde se conta uma “história sagrada (...), um acontecimento primordial teve lugar no começo do Tempo” (Eliade s/d: 81). As roupas utilizadas remetem para tempos imemoriais, uma época desconhecida que pertence ao tempo passado, como corresponde a cada mito.

Esta evocação permanece hoje como base identitária de uma povoação, o elemento agregador. Os atuais habitantes de Mazagão Velho não parecem ter relação de descendência com os primeiros habitantes de Vila Nova de Mazagão. Os seus descendentes há muito tempo foram embora. Talvez tenham ficado escravos e, hoje, temos alguns dos seus descendentes. Outros povoadores vieram, para estas terras tão difíceis de habitar, com a malária e outras doenças a espreitar constantemente. No entanto, os atuais habitantes e seus antepassados captaram a essência da sua existência e fizeram dela um processo de identidade que os distingue. Todos os anos milhares de peregrinos vão a Mazagão Velho. Trata-se de uma comunidade pobre, mas os autores deste artigo sentiram, na sua visita, que as políticas de ensino foram benéficas, porque as escolas de ensino para adultos estavam cheias, no período noturno. Apesar disso, a memória da luta real que se tornou lendária, preservou-a.

Trata-se de um Santuário cujo mito tem aspectos reais. Fundamenta-se na vinda do Norte de África, onde houve batalhas reais e muito duras. Mazagão era uma cidade entre o deserto e o mar. O deserto era hostil, com um ataque que podia acontecer a cada momento. O mar era o apoio e a saída. Mas no mito representado, ainda há a remanescência dos tempos medievais quando Santiago ajudou os cristãos a vencer os mouros. O mais importante hoje é que o mito une uma população ao passado. Criou-se um Santuário à Santiago capaz de unir uma população e que os torna singular na Amazônia.

Referências

- AMARAL, Augusto Ferreira do (1989). Cronologia dos Acontecimentos Militares. In *História de Mazagão*. Lisboa. Publicações Alfa.
- ARAUJO, Renata (2003). A Razão na Selva: Pombal e a reforma urbana na Amazônia. In *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº s 15-16, Janeiro-Junho de 2003: 164-165.
- ELIADE, Mircea (s/d). *O Sagrado e o Profano: a essências das religiões*. Lisboa. Livros do Brasil.
- SILVA, José Manuel Azevedo (2001). Mazagão. De Marrocos para a Amazônia. In *Revista de História da Sociedade e Cultura*, I: 81-82.
- SILVA, José Manuel Azevedo (2004). Mazagão. Retrato de uma cidade lusomarroquina deportada para o Brasil. In *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º s 17-18, Novembro: 170.
- SILVA, Maria Cardeira da; TAVIM, José Alberto R. Silva (2004). *Marrocos no Brasil: Mazagão (Velho) do Amapá em festa – a festa de São Tiago*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/jose_alberto_tavim.pdf> (consulta em 1/6/2016)